

ANTUNES, Diamantino Guapo, I.M.C. – *A semente caiu em terra boa: os Missionários da Consolata em Moçambique: 75 anos de evangelização ao serviço da Igreja Local (1925-2000)*. Torino: Edizioni Missioni Consolata [2003]. 294 + [10] p., il. (= Col. Studi e Testi; 25).

Após a publicação de dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Teologia da Universidade Gregoriana de Roma, intitulada *Concílio Vaticano II: o contributo do episcopado de África e Madagáscar para a Teologia da Igreja local/particular e a sua recepção em alguns Sinodos dos Bispos*, Diamantino Guapo Antunes assinou o estudo em epígrafe, relativo à presença e acção do Instituto Missionário da Consolata [IMC] em terras moçambicanas. Este instituto de vida consagrada foi fundado em Turim, em 1901, por Giuseppe Allamano, reitor do Santuário de Nossa Senhora da Consolata entre 1880 e 1926, data do seu falecimento.

A monografia, publicada pela editora consolatina na mesma colecção de estudos históricos que integra a supracitada dissertação, foi fruto de investigação iniciada pelo autor durante o seu diaconato, decorrido no início da década de noventa em Moçambique, país ao qual entretanto regressou, já na qualidade de padre missionário.

Organizada em três partes, esta obra expõe e descreve, mais do que analisa, os principais acontecimentos vividos em setenta e cinco anos da actividade moçambicana empreendida pelo IMC. Por objectivo expresse, visa contribuir para a recuperação da memória da igreja local, com vista ao balanço e à reflexão prospectiva do serviço missionário do IMC no país (pp. V-VI). Na primeira parte (pp. 13-28), intitulada «Moçambique: breve introdução histórica», Guapo Antunes começa por ilustrar, de forma sucinta, o contexto geográfico e antropológico moçambicano no quadro da costa oriental africana. De seguida, sintetizando o conhecimento historiográfico preexistente, aborda as principais referências cronológicas e marcos políticos relativos à presença colonial portuguesa nesse território, entre os sécs. XV e XX. Demora-se, sobretudo, na caracterização do panorama eclesial: desde as primeiras tentativas de evangelização, no séc. XVI, passando pela desvinculação da Arquidiocese de Goa e erecção canónica da prelazia, em 1612; pela actividade pioneira da Companhia de Jesus e da Ordem de São Domingos; pela decadência da actividade missionária, desde meados de setecentos até à Conferência de Berlim, a partir da qual se intensificou a chegada de sacerdotes do Real Colégio das Missões Ultramarinas de Cernache de Bonjardim; pelas dificuldades impostas pela instauração do regime republicano até à reorganização das missões, por meio da promulgação por João Belo do *Estatuto Orgânico das Missões Católicas Portuguesas da África e Timor*, em 1926.

Tendo por base documental diários e relatórios de missão, boletins internos do instituto e correspondência trocada entre missionários, seus superiores, Santa Sé e autoridades civis (constantes no Arquivo do IMC em Roma e no Arquivo Regional do IMC em Moçambique), a segunda parte (pp. 29-203), estruturada em sete períodos cronológicos, detalha a implantação e expansão dos consolatinos. No primeiro período da «Actividade dos Missionários da Consolata em Moçambique (1925-2000)», correspondente à década de 1925-1935, é referida a decisão de alargamento da presença do IMC, já estabelecido no Quénia, Tanzânia e Etiópia, para o então território colonial luso, onde foi autorizada a fundação das primeiras missões em Tete e Niassa. O autor não aprofunda explicação para tal decisão estratégica inicial por parte do instituto, nem oferece detalhe acerca dos processos de autorização e distribuição de serviço por mão do Prelado de Moçambique, D. Rafael Assunção. Contudo, Guapo Antunes

reflete acerca das primeiras tensões vividas entre missionários e povos indígenas, bem como acerca do difícil equilíbrio gerido pelo referido prelado entre a sensibilidade política nacionalista e a presença de institutos estrangeiros naquela possessão portuguesa. O segundo período, estendido até 1950, caracteriza-o pelo alargamento do chão apostólico em Niassa, bem como pela criação de novas missões em Inhambane e Lourenço Marques, hoje Maputo. O autor desenha os contornos do apostolado do IMC, sublinhando, nesses anos, a aposta no contexto escolar. No terceiro período, compreendido entre 1950 e 1965, são expostas as mutações ocorridas no espaço político-administrativo e eclesiástico moçambicano, com a criação de novas dioceses e a concepção de uma arquitectura regional para IMC. No período seguinte, entre 1966 e 1974, destaca a reformulação do conceito de evangelização em consequência do Concílio Vaticano II, e a necessidade de adaptação à instabilidade causada pelo conflito bélico entre a posição colonial e de auto-determinação moçambicana, sobretudo nas missões em Niassa (p. 131). O quinto período, compreendido até 1980, diz respeito à dificuldade da actividade missionária no contexto de independência nacional recém-adquirida, e de instauração de um regime de estado de inspiração marxista-leninista. As restrições à liberdade religiosa, as nacionalizações de bens e infra-estruturas dos institutos ou ordens religiosas, e a expulsão de vários missionários do novo país, foram óbice à adaptação do IMC à nova realidade sociopolítica. Entre 1982 e 1992, apesar da melhoria de relações entre Estado e Igreja Católica, o IMC encontrou escolhos ainda mais significativos à sua acção no país, dado o deflagrar da guerra civil, responsável pelo encerramento de missões e desagregação da vida de muitas paróquias. Os episódios de rapto de missionários e missionárias do IMC, de ataques a missões, a par do assassinato de um sacerdote e dezenas de catequistas, marcaram indelevelmente esse período (pp. 174-178). Por fim, o autor definiu o período entre 1993 e o final do séc. XX, após o Acordo Geral de Paz moçambicano, como um período de reconstrução, desde a renovação pastoral à reorganização regional do instituto, passando pela reedificação de infra-estruturas de apoio à labuta missionária.

Na terceira e última parte deste livro (pp. 205-250), nomeada «Alguns elementos característicos do método de evangelização dos Missionários da Consolata em Moçambique», Diamantino Guapo Antunes inventaria os instrumentos de trabalho pastoral forjados pelo IMC. Destaca a aprendizagem da língua e cultura locais por parte dos missionários, e a aposta destes na formação oficial e académica dos crentes, bem como na prestação de cuidados de saúde aos mesmos. Sublinha, também, a importância do método catequético e da formação de catequistas levados a cabo pelo IMC. Num plano ulterior, refere a animação vocacional, a formação sacerdotal, e, por fim, o estabelecimento de relações inter-religiosas (pp. 247-250).

Detém, também, este livro, mapas da implantação do IMC por diocese, reproduções fotográficas dos seus mais antigos membros e missões, bem como, no final, um útil apêndice onde constam cronologias de eventos, de expedições de equipas missionárias, listas de superiores e respectivos conselhos, estatística actual, e bibliografia publicada pelo instituto.

Assim, n'*A semente caiu em boa terra*, podemos acompanhar o movimento consolantino, acedendo a uma muito considerável mole de dados relativos à missionação em espaço moçambicano. Porém, registamos a falta de uma conclusão acerca desses dados, e consideramos que se faz sentir a falta de informação e reflexão acerca dos processos de decisão interna do instituto: tanto a nível regional quanto central, não fica o leitor a saber das motivações, tensões ou expectativas que, a par dos acontecimentos expostos, terão determinado a história desta instituição no território em análise.

Ana Cláudia Vicente